

Em seu oitavo número, a Revista Artefilosofia apresenta uma diversidade de textos que busca refletir a pluralidade de tarefas e possibilidades com que a reflexão filosófica sobre as artes se depara. Se é certo, como afirma Adorno, na abertura da *Teoria Estética*, que “tudo o que diz respeito à arte deixou de ser evidente”, a abertura do campo da crítica e da teorização sobre as artes convive com um risco e uma responsabilidade crescentes.

Risco de totalizações apressadas, de juízos sumários, de paralisia do pensamento em categorias estáticas. E responsabilidade de tentar aferir o lugar incerto das artes na cultura, de ensaiar a prospecção dos vestígios daquilo que, nas artes, irrompe como negativo do processo de racionalização social. Sobretudo, responsabilidade diante do particular representado pela obra de arte individual.

Abre este número o ensaio de Jean Maurel sobre Giorgio De Chirico e Nietzsche, texto em que a forma de apresentação faz apelo às teses ali desenvolvidas, que propõem uma comunicação vital entre vida, arte e pensamento.

O presente número traz ainda contribuições de autores que exploram conscienciosamente as questões apontadas acima, fazendo da análise de obras individuais um exercício filosófico mais amplo. É o caso dos textos de Jairo Dias Carvalho e Patrick Pessoa, reunidos na seção “Estética do filme”, que comentam obras de Kubrik e Lynch. É o caso também dos artigos de José Fernando da Silva e de Bruno Pucci, que escrevem, respectivamente, sobre relações entre as obras de Klimt e Schopenhauer, e Guimarães Rosa e Adorno, na seção “Estética - cultura - filosofia”. O trabalho de Olímpio Pimenta sobre Nietzsche, os acompanha, na mesma seção, apontando para a interrelação de preocupações éticas, metafísicas e estéticas, no autor alemão.

A música é uma das artes que, na modernidade, propôs as mais ricas reflexões ao pensamento filosófico. Na seção “Filosofia da Música”, os trabalhos de Fernando de Moraes Barros e Mario Videira atualizam essa tendência, voltando-se, no primeiro caso, para as obras de Adorno, Nietzsche, e Schelling, e, no segundo, de Hoffmann.

As questões da atualidade da relação de tensão constitutiva das artes com o universo maior da cultura e da política, no qual as transformações das formas de sociabilidade introduzidas pela técnica são o escopo das três contribuições da seção “Técnica-estética-política”, os de Slavoj Žižek, que desenvolve o tema da estética comunista, o de Luiz A. Calmon Nabuco Lastória, que interroga o universo das imagens técnicas, e o de Maria Teresa Cardoso de Campos, que aborda as reflexões estéticas de Herbert Marcuse.

A seção da revista tradicionalmente consignada à área de música traz dois artigos sobre compositores brasileiros, o de Humberto Junqueira, que analisa a obra de Garoto, e o de Michel Barbosa Maciel, que tematiza a *Ritmata*, de Edino Krieger.

Fechando essa edição, a resenha de Fernando Pacheco sobre o mais recente livro de Roberto Machado, *Deleuze, a arte e a filosofia*, e a tradução e apresentação de um importante autor satírico alemão contemporâneo, pouco conhecido ainda no Brasil, Kurt Tucholsky.

Douglas Garcia/ Gilson Iannini